

TRAJES DE CENA AFROFUTURISTAS NAS ARTES CÊNICAS BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

Afrofuturistic Costumes Design in Contemporary Brazilian Performing Arts

Marques, Nairim Liz Bernardo; graduanda; Universidade de São Paulo,
nairim.marques@usp.br¹

Viana, Fausto Roberto Poço; professor livre docente; Universidade de São Paulo,
faustoviana@usp.br²

Resumo: Esta Iniciação Científica averigua a expressão visual afrofuturista nas artes cênicas para estabelecer paralelos com a base conceitual do movimento e para propor possibilidades do que se pode chamar de afrofuturismo brasileiro. Para isso, são analisados os trajes de cena de três espetáculos teatrais contemporâneos: *Oxum* (2018), *Pele negra, máscaras brancas* (2019) e *Preto peritamar — O Caminho que Vai Dar Aqui* (2020).

Palavras chave: Afrofuturismo; traje de cena; figurino.

Abstract: This Scientific Initiation examines the visual expression of Afrofuturism in the performing arts to draw some parallels with the conceptual base of the movement and to propose possibilities of a Brazilian Afrofuturism. To this end, the costumes of three contemporary theatre shows are analyzed: *Oxum* (2018), *Pele negra, máscaras brancas* (2019) e *Preto peritamar — O Caminho que Vai Dar Aqui* (2020).

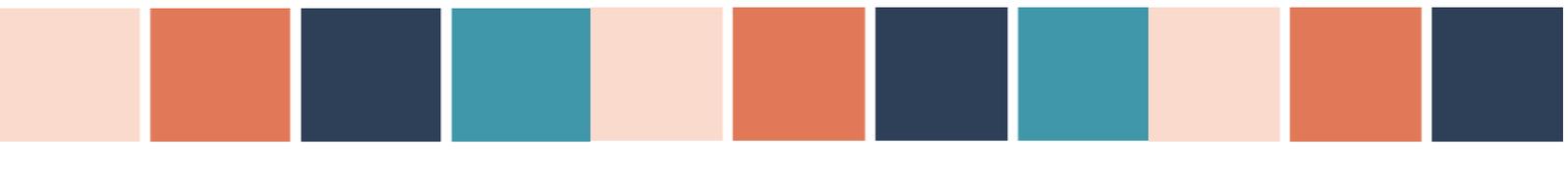
Keywords: Afrofuturism; costume design; costume.

Introdução

O termo “Afrofuturismo” foi criado em 1994 por Mark Dery, autor e crítico cultural estadunidense. Em seu ensaio *Black to the future*, ele utiliza o termo para descrever uma série de propostas artísticas, efervescentes nos anos 80 e 90, que buscavam abordar a experiência afro-americana a partir da ficção científica, da tecnologia e da

¹ Jornalista formada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e atualmente graduanda em Artes Cênicas pela mesma instituição. Pesquisa afrofuturismo e participa de grupos artísticos que têm como base o fazer artístico remoto e que pesquisam teatro, performance e dança.

² Pós-doutor em conservação de têxteis pelo Museu Nacional do Traje em Lisboa, Portugal e em moda pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor livre docente da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Artes e Museologia, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro, figurino, caracterização, cenografia, conservação e restauro de trajes.



percepção cíclica do tempo para imaginar, construir e propor futuros em que a população negra estivesse inserida como peça fundamental.

Anteriormente, o negro raramente era retratado nas expressões artísticas futuristas, acarretando não só o apagamento de seu passado e presente históricos (imagético e documental), como também na negação de perspectivas de sua existência e de seu protagonismo no futuro. Freitas e Messias (2018) descrevem a diáspora negra como uma experiência extraterrestre dentro de um mesmo mundo e atribuem a ela a responsabilidade do surgimento de um duplo trauma que relaciona passado e presente: o da escravidão e o da perseguição, representada sobretudo pela violência estatal. Para eles, os negros são vistos pela sociedade como órgãos estranhos que precisam ser extirpados do corpo social. Consequentemente, não poderiam estar presentes no futuro construído pela branquitude.

Ao subverter o Futurismo e investir no Afrofuturismo, diversos artistas — por meio da música, cinema, artes plásticas e moda — inseriram os negros nas discussões sobre ciência moderna, tecnologia e cibercultura. Segundo Ytasha Womack:

Tanto uma estética artística quanto uma estrutura para a teoria crítica, o Afrofuturismo combina elementos da ficção científica, da ficção histórica, da ficção especulativa, da fantasia, do afrocentrismo e do realismo mágico com crenças não ocidentais. Em alguns casos, é uma reelaboração total do passado e uma especulação do futuro repleta de críticas culturais. (WOMACK, 2015, p.29)

Considerando o passado e o atual momento histórico brasileiros, em que perspectivas futuras continuam sendo subtraídas das vidas negras de diversas formas, o Afrofuturismo se apresenta como uma maneira de subverter, reivindicar e conceber futuros. Nas artes cênicas é possível observar esse movimento através da análise das temáticas e das propostas visuais de algumas peças.

Esse projeto de Iniciação Científica (em andamento) se propõe a analisar as bases visuais para elaboração dos trajés de cena de três espetáculos que, em seus programas, referenciam o afrofuturismo. São eles: “Oxum” e “Pele Negra, Máscaras Brancas”, ambos com direção de Fernanda Júlia Onisajé e figurino de Thiago Romero com assistência de Tina Mello; e “Preto peritamar — O Caminho que Vai Dar Aqui”, direção de Grace Passô e figurino de Gustavo Silvestre. Para isso, foram realizadas:

pesquisa bibliográfica, entrevistas com os figurinistas responsáveis e análise dos trajes por meio de vídeos e fotografias.

Chaves de leitura para análise dos espetáculos

As peças selecionadas respondem sim às três perguntas do teste criado por SOUZA (2020) para identificar obras afrofuturistas. Inspirado no teste de Bechdel (criado pela cartunista Alison Bechdel para analisar a representação de mulheres em filmes), ele propõe às seguintes questões: “A obra é de autoria negra e possui elementos especulativos (ficção científica, fantasia, horror sobrenatural, mitologias africanas)?”; “A obra possui protagonistas negras?”; “A obra possui perspectivas não eurocêntricas e antirracistas? / A obra considera a experiência negra no mundo real?”.

Ao se referir sobre a identidade local que muitos espetáculos conseguem manter mesmo misturando elementos de várias culturas, o pesquisador e figurinista Fausto Viana aponta que, “A construção da indumentária permite vislumbrar a cultura da qual saiu ou está inserida” (VIANA, BASSI, 2014, p. 19). Levando isso em consideração, a seguinte análise pretende apresentar os elementos afrofuturistas dos trajes dos espetáculos analisados sugerindo paralelos entre obras internacionais e possibilidades do que pode-se chamar de afrofuturismo brasileiro.

O afrofuturismo nos trajes de cena brasileiros

A peça *Oxum* conta um itan africano (espécie de mito ou lenda) em que Oxum convoca as mulheres a secar o mundo, deixando-o infértil e desequilibrado para que todos compreendam a importância das mulheres na concepção do mundo. Na parte superior, as atrizes que interpretam a orixá vestem uma espécie de armadura metalizada dourada. Em entrevista, o figurinista contou que esse elemento foi inspirado no Egito e que a ideia era mostrar a imagem de uma mulher forte e preparada para a guerra. Já a cor dourada remete diretamente às representações da figura de Oxum e ao poder.

O espetáculo musical *Pretoperitamar* utiliza o universo construído pelo músico Itamar Assumpção, que já pode ser lido como afrofuturista, para narrar sua vida e sua obra. O uso de materiais e tecidos metalizados é notado nos trajes dos atores e músicos e,

segundo explicado pelo figurinista Gustavo Silvestre em entrevista, remete diretamente a usos já feitos por Itamar e ao *showbusiness*.

Da Silva (2019) descreve algumas utilizações de materiais metalizados feitas por artistas referências para o afrofuturismo, como a banda norte-americana Labelle, que costumava-se com figurinos metalizados semelhantes aos figurinos de super-heróis da cultura sci-fi, e pelo cantor Sun Ra, como explicitado na capa de *Space Is The Place* (1973):

Na capa do álbum o cantor aparece vestido de faraó egípcio. Na parte superior há uma bola metalizada com duas hastes apontadas para o céu, que é representado na imagem pelo fundo azul. Assim dialoga-se com a tecnologia ancestral com a dimensão futurista espacial latente na década de 1970. (DA SILVA, 2019, p. 142)

Em *Oxum*, uma das atrizes aparece com um par de óculos de sol de armação dourada e lentes espelhadas verdes em um momento do espetáculo. Interessante notar que os óculos são um elemento recorrente no universo afrofuturista, como também notado em *Pretoperitamar*, em que diversos performers utilizam óculos coloridos, chamativos e modelos criados a partir de outros objetos, como CDs.

No documentário de John Akomfrah sobre o Afrofuturismo, *The Last Angel of History* (1996), seguimos o *data thief* (ladrão de dados), que viaja pelo tempo e pelo espaço fazendo investigações arqueológicas e históricas que possam explicar o futuro. Essa figura futurista usa uma espécie de óculos 3D (objeto inventado por Kenneth J. Dunkley, um físico negro) para ler toda a tecnologia já produzida pela humanidade. O narrador também usa óculos escuros o tempo todo.

Atualmente, em um estúdio em Nairóbi, no Quênia, o artista visual Cyrus Kabiru, reconhecido internacionalmente como grande expoente afrofuturista, cria óculos a partir de sucatas encontradas no lixo. Em sua opinião,

[...] os óculos retratam a aspiração da cultura popular ‘bling-bling’ (jóias chamativas e vistosas); refletem a ingenuidade e desenvoltura das pessoas; as lentes oferecem um novo filtro ao dar uma nova perspectiva sobre o mundo em que vivemos, transformando quem os veste não só na aparência, mas na mente também. (sem autor, 2017)

Em *Oxum*, os trajes masculinos foram elaborados da seguinte forma: tecidos ankara coloridos foram utilizados para costurar ternos de modelagem padrão, peça que, com seu corte reto, remete diretamente ao universo masculino; já a camisa social foi substituída por uma camiseta de tule bordada com renda, que deixava transparecer a pele, simbolizando a necessidade de que homens se permitam ser mais sensíveis para a construção de um futuro melhor.

Oxum e Pele Negra, Máscaras Brancas — inspirado na obra homônima de Frantz Fanon sobre a tomada de consciência da negritude a partir do passado — resgatam tecidos associados à cultura africana. Nesta, as cores dos tecidos são utilizadas para criar uma espécie de escala entre os momentos em que os personagens estão mais distantes ou mais próximos da consciência racial. Quando alienados vestem roupas de tecido inteiramente branco; ao adquirirem consciência são cobertos por roupas de tecido com padronagem geométrica em preto e branco (parecido com o adinkra); os que representam Frantz Fanon usam traje predominantemente preto com detalhes brancos no tecido da padronagem citada e as personagens não humanas (que podem ser lidas como figuras espirituais) vestem malhas coloridas e retalhos em ankara também colorida.

Assim como o resgate de tecidos de culturas africanas, outro ponto de destaque quanto ao uso de materiais está em *Preto peritamar*, espetáculo em que grande parte das peças foi confeccionada em crochê e tricô (especialidade de seu figurinista). Segundo Gustavo Silvestre contou em entrevista, essas técnicas são formas de resgatar artesanias manuais ancestrais bastantes presentes no Brasil e aproximar o artesão/ estilista/ figurinista do seu próprio processo de trabalho, não sendo necessário delegar a construção da peça à uma máquina, oficina ou costureira. Essa escolha tem relação direta com o afrofuturismo, pois além do resgate de uma técnica ancestral há também a preocupação com formas de produção e consumo sustentáveis, que impactem positivamente no futuro.

Considerações Finais

A especificidade desta pesquisa provém do fato de que ainda não há registros de pesquisas acadêmicas brasileiras que relacionem diretamente o movimento Afrofuturista com o estudo das artes cênicas e dos trajes de cena.

A análise inicial dos espetáculos *Oxum*, *Pele Negra*, *Máscaras Brancas* e *Preto peritamar* — *o caminho que vai dar aqui*, mostra que eles podem ser analisados segundo uma lente de leitura afrofuturista, que encontra referências em propostas já exploradas pelo movimento (mesmo quando não há intencionalidade direta dos figurinistas quanto a isso).

Nos Estados Unidos da América, grande parte dessas expressões estão relacionadas à ficção científica e ao espaço sideral, o que não foi notado nas obras aqui analisadas. Referenciar orixás e outras figuras míticas é outra forte característica do Afrofuturismo e, provavelmente, uma das mais presentes nas expressões brasileiras, assim como o resgate de tecidos e outros objetos associados diretamente às culturas africanas. Enquanto conceito, o afrofuturismo surgiu e ganhou força nos Estados Unidos, mas atualmente pesquisadores africanos já apontam para a necessidade de um estudo pautado na África e que considere suas especificidades.

Com base nisso e em autores brasileiros que pesquisam o movimento a partir de outros campos (filosofia, literatura, cinema), aponto para a necessidade de uma investigação específica sobre as representações visuais do afrofuturismo no Brasil, mais especificamente com os trajes de cena como objeto de estudo. Só assim será possível detalhar como os brasileiros materializam, vestem e visualizam essa estética cultural.

Referências

AKOMFRAH, John. *The Last Angel of History*. New York: First Run/Icarus Films, 1996.

CALENTI, C.; WOMACK, Y.; ESHUN, K.; CLARK, A.; FREITAS, Kênia Cardoso Vilaça de (Orgs.). *Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica*. Disponível em: <http://www.mostraafrofuturismo.com.br/Afrofuturismo_catalogo.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2020.

DA SILVA, Roger Luiz Pereira; DOS SANTOS, Marinês Ribeiro; VAN AMSTEL, Frederick. “Quando o negro se movimenta, toda a possibilidade de futuro com ele se move”. *albuquerque: revista de história*, v. 11, n. 21, p. 132-150, 2019.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo-as distopias do presente. *Imagofagia*, n. 17, p. 402-424, 2018.

sem autor: CYRUS KABIRU. Malungo Eu, Niterói, 13, fev. 2017. Disponível em:
<<http://malungoeu.com.br/artista/cyrus-kabiru/>>. Acesso em 17 mai. 2021

SOUZA, Waldson. Conceituando afrofuturismo. 2020.

VIANA, F. R. P.(Org.); BASSI, Carolina (Org.); Traje de cena, traje de folguedo. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

